

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

FERNANDA VITÓRIA NUNES

**ESCRITORAS NEGRAS DO RIO GRANDE DO SUL: REPRESENTATIVIDADE E
RECONHECIMENTO**

**Jaguarão
2019**

FERNANDA VITÓRIA NUNES

**ESCRITORAS NEGRAS DO RIO GRANDE DO SUL: REPRESENTATIVIDADE E
RECONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Giane Vargas Escobar

**Jaguarão
2019**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais)

N972e Nunes, Fernanda Vitória

Escritoras negras do Rio Grande do Sul:
representatividade e reconhecimento / Fernanda Vitória
Nunes.

53 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) --
Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2019.

"Orientação: Giane Vargas Escobar".

1. Escritoras negras. 2. Representação. 3. Literatura
negra. I. Título.

FERNANDA VITÓRIA NUNES

ESCRITORAS NEGRAS DO RIO GRANDE DO SUL: REPRESENTATIVIDADE E RECONHECIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12 de dezembro de 2019.

Banca examinadora:



Prof.^a Dr.^a Giane Vargas Escobar
Orientadora
UNIPAMPA



Prof.^a Dr.^a Sátira Pereira Machado
UNIPAMPA



Prof. Dr. Luis Fernando Marozo
UNIPAMPA

*Dedico este trabalho à minha amada mãe
Rosa Maria Vitória.*

AGRADECIMENTO

A Deus e aos meus ancestrais por me guiarem até aqui.

Aos professores do curso de Letras Português/Espanhol da Unipampa Jaguarão pelos ensinamentos.

À professora Giane Vargas Escobar que aceitou o meu convite para ser minha orientadora, e que acreditou em minha capacidade. Agradeço também pelas oportunidades vividas até este momento. Que nossos caminhos continuem se cruzando para mais vivências.

À minha mãe Rosa Maria Vitória por ser meu maior exemplo de persistência, força, dedicação e cuidado. Obrigada pelos sacrifícios para que eu pudesse concluir a graduação.

Ao meu pai Luiz Fernando Barbosa Nunes por sempre me fazer acreditar que tudo o que queremos podemos realizar.

Ao meu irmão Rodrigo Vitória Nunes pelo carinho e palavras de afeto.

Às minhas colegas de curso que viraram amigas e que com certeza levarei para a vida.

Aos meus familiares em geral, que longe ou perto torceram por mim.

“É um prazer enorme eu dizer: eu invadi, eu assaltei a catedral masculina de Letras”.

Paulina Chiziane

RESUMO

Este trabalho tem como tema as escritoras negras do Rio Grande do Sul. A pesquisa é construída a partir do artigo publicado por Priscila Pasko “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas” (2017), das reflexões feitas no curso “Atinuké – Sobre o Pensamento de Mulheres Negras” e do grupo de estudos “AFROnteiras Negras Unipampa”. Este estudo justifica-se pela importância de entender os processos da falta de representatividade, conhecimento e reconhecimento das escritoras negras na literatura, no âmbito escolar e acadêmico. A partir da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da História e Cultura dos Afro-brasileiros e na História e Cultura dos Africanos, e também pela Década Internacional de Afrodescendentes da ONU. Objetiva-se identificar e mapear algumas escritoras negras gaúchas com o intuito de incentivar o conhecimento das mesmas na educação e refletir sobre a sua invisibilidade. A metodologia de caráter qualitativo (GUERRA, 2006) inclui pesquisas bibliográficas, em sites, blogs e participação em eventos acadêmicos. Os principais referenciais teóricos que embasam o trabalho são: CHIZIANE (2019), KILOMBA (2019), ANZALDÚA (2000), GOMES (2002), DAVIS (2016), SILVA (2018), XAVIER (2017), MACHADO (2006), ESCOBAR (2018). Concluo afirmando da importância de ter uma disciplina e formação continuada de professores e estudantes no ensino básico e superior, para refletir as relações étnico-raciais. E a que a Lei 10.639/03 seja efetivamente aplicada.

Palavras-Chave: Escritoras negras. Representação. Literatura negra.

RESUMEN

Este trabajo tiene como tema las escritoras negras gauchas del Rio Grande del Sur. La pesquisa es construida a partir del artículo publicado por Priscila Pasko ¿“Por qué no conocemos las escritoras negras gauchas?” (2017), de las reflexiones hechas en el curso “Atinuké – Sobre el Pensamiento de Mujeres Negras” y del grupo de estudios “AFROnteras Negras Unipampa”. Este estudio se justifica por la importancia de entender de los procesos de la falta de representatividad, conocimiento y reconocimiento de estas escritoras negras en la literatura, ámbito escolar y académico. A partir de la Ley 10.639/03 que torna obligatorio la enseñanza de la Historia y Cultura de los Afro-brasileños y en la Historia y Cultura de los Africanos, y también en la Década Internacional de los Afro descendientes de la ONU. Se objetiva identificar y mapear algunas escritoras negras gauchas con el intuito de incentivar el conocimiento de las mismas en la educación y reflejar sobre la invisibilidad de las escritoras negras del Estado. La metodología de carácter cualitativo (GUERRA, 2006) incluí pesquisas bibliográficas en sitios, blogs y eventos académicos. Los principales referenciales teóricos que sustentan el trabajo son: CHIZIANE (2019), KILOMBA (2019), ANZALDÚA (2000), GOMES (2002), DAVIS (2016), SILVA (2018), XAVIER (2017), MACHADO (2006), ESCOBAR (2018). Concluyo afirmando de la importancia de tener una disciplina y formación continuada de profesores y estudiantes en la enseñanza básica y superior, para reflejar las relaciones étnico-raciales. Y que la Ley 10.639/03 sea efectivamente aplicada.

Palabras Clave: Escritoras Negras. Representación. Literatura negra.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Lilian Rose Marques da Rocha	23
Figura 2: Eliane Marques	24
Figura 3: Ana dos Santos.....	25
Figura 4: Veralinda Menezes.....	26
Figura 5: Maria Rita Py Dutra.....	26
Figura 6: Taiasmin Ohnmacht.....	27
Figura 7: Maria Helena Vargas da Silveira.....	28
Figura 8: Fernanda Bastos.....	28
Figura 9: Pâmela Amaro.....	29
Figura 10: Maria do Carmo Oliveira dos Santos.....	29

LISTA DE SIGLAS

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

IFSUL – Instituto Federal Sul Rio – Grandense

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

NEABI – Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas

COPENE SUL – Congresso de Pesquisadores/as Negros/as da Região Sul

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RS – Rio Grande do Sul

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UNIFRA – Universidade Franciscana de Santa Maria

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1.	Trajetória Acadêmica	15
2	CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1.	Por que não Conhecemos as Escritoras Negras do Rio Grande do Sul?	17
2.2.	Quem são as Escritoras Negras Gaúchas?	23
2.2.1.	Lilian Rose Marques da Rocha.....	23
2.2.2.	Eliane Marques.....	24
2.2.3.	Ana dos Santos.....	25
2.2.4.	Veralinda Menezes.....	26
2.2.5.	Maria Rita Py Dutra.....	26
2.2.6.	Taiasmin Ohnmact.....	27
2.2.7.	Maria Helena Vargas da Silveira.....	28
2.2.8.	Fernanda Bastos.....	28
2.2.9.	Pâmela Amaro.....	29
2.2.10.	Maria do Carmo Oliveira dos Santos.....	29
2.3.	Invisibilidade das Escritoras Negras do RS na Educação e a Lei 10.639/03	31
3	METODOLOGIA	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	38
	ANEXOS	42

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como **tema** as escritoras negras do Rio Grande do Sul. Apoiada no artigo intitulado “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?”, publicado por Priscila Pasko no site *Nonada – Jornalismo Travessia* no ano de 2017. A participação em cursos e grupos de estudos como “Atinuké – Sobre o Pensamento de Mulheres Negras”¹ e o “AFRONTeiras Negras Unipampa”², também foi muito importante para a construção deste trabalho. Pois foi a partir das questões estudadas nestes encontros que despertou a reflexão da falta de visibilidade e representatividade das escritoras negras gaúchas na literatura.

Durante o curso de Letras foi abordado muito rapidamente sobre algumas intelectuais negras conhecidas nacionalmente, como Conceição Evaristo e Maria Carolina de Jesus. Mas escritoras negras do Rio Grande do Sul continuam sendo desconhecidas na academia e no espaço escolar. Eu como mulher, negra, gaúcha e estudante de Letras, vi necessária a reflexão a cerca do tema.

O **objetivo geral** do trabalho é identificar e mapear algumas escritoras negras do RS de diferentes estilos literários.

Os **objetivos específicos** deste estudo são: 1. Conhecer e tornar conhecidas algumas escritoras negras gaúchas; 2. Sensibilizar/incentivar através desta pesquisa o ensino e conhecimento das escritoras negras do RS na educação básica seguindo as diretrizes da lei 10.639/03 e 3. Refletir sobre a invisibilidade das escritoras negras gaúchas.

O **problema** “suleador”³ da pesquisa é: Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?

A partir deste questionamento, tenho como **hipóteses** do meu trabalho que as escritoras negras não são conhecidas por conta do racismo estrutural existente no Rio Grande do Sul, na sociedade em geral e por questões de gênero.

Este trabalho se **justifica** pela importância de entender e dar-se conta dos processos que levam a invisibilidade das escritoras negras gaúchas no âmbito escolar, acadêmico e em outros espaços. Apoiado na Lei 10.639/03 e na Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024), proclamada pela resolução 68/237 da Assembleia Geral. É fundamental

¹ Este grupo foi cuidadosamente idealizado por Fernanda Oliveira, Giane Vargas Escobar e Nina Fola. Disponível em: <https://www.facebook.com/atinukemulheresnegras/>. Acesso em 20 out 2019.

² Este grupo de estudos e pesquisas é coordenado pela Prof^a. Dr^a. Giane Vargas Escobar.

³ Conforme nos ensina Boaventura de Souza Santos em “Epistemologias do Sul”.

promover a visibilidade, a representatividade e o reconhecimento para as mulheres negras na literatura, percebendo que a literatura negra e suas escritoras são de suma importância não só para o RS, mas para o Brasil.

O trabalho em questão utilizou como **metodologia** a pesquisa qualitativa e como **método** a revisão bibliográfica, pesquisa em sites, blogs e participação em eventos acadêmicos da área.

Este trabalho de conclusão de curso está constituído, além da introdução, trajetória acadêmica, considerações finais, referências e anexos por três capítulos.

No **primeiro capítulo** enfatizamos o questionamento “Por que não conhecemos as escritoras negras do Rio Grande do Sul?”, com questões problematizadas a partir do pensamento de Paulina Chiziane (2019), Grada Kilomba (2019), Glória Anzaldúa (2000), Angela Davis (2016), Sátira Machado (2006), Giane Escobar (2018), Cuti (2010).

No **segundo capítulo** serão conhecidas algumas escritoras negras gaúchas de diferentes estilos literários, uma breve biografia de cada uma e suas publicações. Com o intuito de conhecê-las e não somente citá-las como objetos de estudo. Com suporte do livro *Sopapo Poético – Pretessência* (2016), do livro *Catálogo de Intelectuais Negras Visíveis* (2017), blogs, sites acadêmicos e portais de movimentos negros e sites em geral, bem como redes sociais.

O **terceiro capítulo** irá refletir porquê estas intelectuais negras, na maioria das vezes, não são reconhecidas e conhecidas no meio acadêmico e escolar. A discussão trazida pela professora Nilma Lino Gomes (2002) sobre educação e a identidade negra na academia e na escola, Petronilha Silva (2018) relatora da Lei 10.639/03 e Cuti (2010) dão o suporte necessário para esta reflexão.

As principais categorias de análise do trabalho são racismo estrutural, literatura negra e escritoras negras.

1.1. Trajetória Acadêmica

Após concluir o ensino médio, em 2009, ingressei na escola técnica na cidade de Pelotas/RS, o CEFET, hoje IFSUL, e comecei a cursar Mecânica Industrial. Não me identifiquei com o curso e retornei para Jaguarão/RS após frequentá-lo por cinco meses.

Já na cidade, fiquei pouco tempo sem estudar. Logo comecei a fazer um cursinho preparatório para o ENEM. Com a nota que obtive no exame, ingressei na Universidade Federal do Pampa no ano de 2011 na graduação de Licenciatura em Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

No ano de 2013, ingressei como bolsista no PIBID de Língua Portuguesa. Permaneci por quatro meses e sai do projeto. Talvez por não estar preparada ou focada naquele momento para realizar as tarefas de bolsista.

Por um tempo eu fui um pouco resistente ao curso de Letras alegando que não queria ser professora, e que estava cursando a faculdade somente para ter um diploma para concorrer a concursos públicos no futuro. Quem sabe, por esses motivos que eu tenha demorado a concluir a graduação. Hoje eu tenho outra visão e já consigo me imaginar dentro de uma sala de aula, mesmo sabendo de todos os desafios que se tem que enfrentar para quem segue a carreira de professor/a.

Por outro lado, foi bom este meu “atraso” porque pude vivenciar experiências e momentos importantes que deram o rumo que eu precisava para terminar este ciclo. No ano de 2018 conheci a professora Giane Vargas Escobar, discente do curso de História da Unipampa Jaguarão. Ela convidou-me para participar de um curso em Porto Alegre/RS com duração de seis meses, sem saber muito bem do que se tratava, aceitei o convite na hora. Foi a partir daí que comecei a ter contato com intelectuais negras, até então desconhecidas por mim através do Curso/Projeto de Extensão “Atinuké – Sobre o Pensamento de Mulheres Negras”, parceria da UNIPAMPA com a UFRGS.

No mesmo ano de 2018, comecei a participar do NEABI Mocinha⁴. No ano de 2019, ingressei no grupo de estudos AFRonteiiras Negras Unipampa onde lemos e refletimos obras de escritoras negras nacionais e internacionais. Também em 2019 fui selecionada como bolsista no projeto de pesquisa “Rainhas Negras do Clube 24 de Agosto: identidades, representações e trajetórias de mulheres de um Clube Social Negro na fronteira Brasil-Uruguai”⁵.

⁴ Coordenado pela Prof^a. Dr^a. Giane Vargas Escobar.

⁵ Coordenado pela Prof^a. Dr^a. Giane Vargas Escobar.

Percebe-se somente no final da minha trajetória acadêmica a minha maior participação em projetos, grupos de estudos, cursos. Acredito que somente agora me deparei com algumas temáticas que antes eu não tinha contato e nem pensava a respeito. Como por exemplo, sobre a importância de discutir e refletir as relações étnico-raciais na academia. Nesses quase nove anos de curso tive altos e baixos. Vontade de desistir. Vontade de seguir a carreira de professora. Vergonha por passar do tempo “certo” de concluir a graduação.

Mas a certeza que tenho hoje é de que se eu seguir a carreira docente será para levar de alguma forma a cultura afro-brasileira para o espaço escolar. Pois tenho a nítida percepção da importância de dialogar com crianças e adolescentes sobre essa temática que na maioria das vezes vem retratada de forma estereotipada nos livros didáticos. A falta de conhecimento por parte da escola e professores é um fator agravante, pois ajuda a silenciar a verdadeira história dos negros de África e da diáspora na literatura, cultura, arte e na construção do povo negro para com o país.

2. CONCEITOS GERAIS E REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Por que não Conhecemos as Escritoras Negras do Rio Grande do Sul?

Talvez já saibamos a resposta para esta pergunta. Porém, esse questionamento não se trata apenas de uma contestação simples, mas sim de promover algumas reflexões sobre o assunto. Pois, é muito pertinente refletir e discutir sobre esse tema enquanto houver essa invisibilidade e falta de consciência de uma sociedade que foi moldada a partir de padrões eurocêntricos.

A literatura de prestígio por muito tempo foi aquela predominantemente masculina, branca, heterossexual de classe média. Ainda mais no estado que é conhecido por ser a “Europa” do Sul. É necessário reconhecer a cultura afro-gaúcha como parte dos costumes culturais do RS para que a presença da população negra seja cada vez mais notada e que o negro se veja representado nos espaços como sociedade, memória e cultura.

Sátira Machado (2006) no livro “Mulher Afro-gaúcha: negritude à flor da pele” ressalta:

Todo mundo acha que Rio Grande do Sul tem excelência em qualidade de vida – e tem mesmo -, só que esse prestígio tem cor e não é a cor negra. Em pleno século XXI, as mulheres negras gaúchas ainda tem que reivindicar qualidade de vida – e, muitas vezes, condições mínimas – para a comunidade negra, uma das mais vulneráveis à exclusão social assim como as comunidades cigana e indígena. (MACHADO, 2006, p. 270).

A maioria das escritoras que fazem parte do cânone literário brasileiro são mulheres brancas. São vários os motivos que causam o silenciamento das intelectuais negras na literatura como questões de raça, classe e gênero.

A primeira luta é o racismo. (...) quando eu atravesso a primeira fronteira para ir ao mundo, aí me deparo com a questão raça. (...) a outra questão são as questões de gênero, durante anos os homens estiveram no comando e algumas vezes se pensa que a mulher um ser de segundo nível (...) um ser inferior. Um ser incapaz. Nós temos muito disso em África. Aqui no Brasil é quase a mesma coisa. (CHIZIANE. Entrevista concedida a Robson de Jesus Silva, em 19/07/2019, IV COPENE SUL).

O termo representatividade nessa pesquisa se refere ao modo de como as escritoras negras gaúchas são vistas/ou não na esfera cultural e na sociedade.

Giane Vargas Escobar e Ana Luiza Coiro de Moraes (2018) trazem no artigo “A representação e as representações distorcidas no jornalismo: relações conceituais de racismo e sexismo” o conceito de representação.

Representação é palavra central para o entendimento de como se constroem as diferentes identidades e os tratamentos desiguais atribuídos a determinados grupos, bem como as relações de poder que se estabelecem a partir dos diferentes interesses econômicos, sociais, políticos, culturais, afetivos. (ESCOBAR; MORAES, 2018, p. 52).

As escritoras negras gaúchas existem, são muitas e estão aí com suas escritas, seja na poesia, prosas, contos infantis, etc. Fazer circular suas obras cada vez mais em ambientes antes dominados somente por escritores/as brancos/as é fundamental “para colocar as intelectuais negras como sujeitos e seres ativos” (RIBEIRO *apud* AKOTIRENE, 2019, p. 14). Como ressalta a escritora Grada Kilomba sobre a importância de ser sujeito e não objeto da sua própria realidade:

Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político. (...) enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta de que o projeto colonial predeterminou. (KILOMBA, 2019, p. 28).

O artigo⁶ publicado no site Nonada – Jornalismo Travessia por Priscila Pasko no ano de 2017 serviu de “suleador” para a pesquisa. Pois a partir do título da publicação, das informações e depoimentos encontrados no texto, se deu o desenvolvimento deste trabalho. A jornalista faz um questionamento para as pessoas do circuito literário e acadêmico do Rio Grande do Sul: “Quem são as escritoras negras gaúchas?”. Não tendo respostas concretas, a autora percebeu que a pergunta certa a ser feita era: “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?”.

Priscila Pasko tenta fazer um recorte para buscar informações e tentar traçar um panorama das escritoras negras do estado do Rio Grande do Sul publicadas e reconhecidas a partir de 1980, porém não foi possível por falta de especialistas que traçassem esse trajeto das primeiras escritoras negras da literatura gaúcha. Com isso percebemos alguma falta de interesse da crítica literária e da mídia em relação à literatura de autoria negra, pois a

⁶ Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2017/03/por-que-nao-conhecemos-as-escritoras-negras-gauchas/>. Acesso em: Maio 2019.

jornalista relata que as informações encontradas foram através de blogs pessoais e nos de movimentos negros.

Durante a minha busca por escritoras negras gaúchas na internet, também percebi esse déficit em relação a esta falta de informação. Não se encontra com facilidade como são encontradas as escritoras brancas.

O artigo aborda entrevistas com algumas escritoras negras do RS, como Lilian Rose Marques da Rocha, Eliane Marques, Ana dos Santos e Taiasmin Ohnmacht, ambas da poesia. E as problemáticas que envolvem suas invisibilidades no mundo literário, evidenciando como suas falas e experiências contribuem para o fato de não conhecermos as escritoras negras gaúchas. Intelectuais estas que serão conhecidas no próximo capítulo deste trabalho.

A primeira escritora entrevistada por Priscila Pasko foi Lilian Rose Marques da Rocha. Lilian começou sua fala dizendo que existem muitas mulheres negras escrevendo, entretanto, uma das dificuldades na hora de publicar suas obras está na falta de condições financeiras. Esse problema que não é só das mulheres negras, mas principalmente, dificulta na divulgação de seus escritos.

A principal forma como são divulgadas as obras e o trabalho de quem não tem publicação é através de eventos culturais produzidos por mulheres negras, por meio de sites e blogs pessoais e de movimentos negros, clubes sociais negros, saraus negros, etc. Como exemplo tem o Ponto Negro da Poesia Sopapo Poético. O Sopapo é um sarau que acontece mensalmente em Porto Alegre/RS desde 2012, sendo que quatro das escritoras que estão neste trabalho fazem parte deste encontro que celebra a literatura negra.

Segundo o livro *Sopapo Poético: pretessência* (2016), o nome “Sopapo” é em homenagem ao tambor que é símbolo da identidade afro-gaúcha. Para firmar a presença negra no estado do Rio Grande do Sul.

A escritora negra enfrentará outros impasses mesmo que consiga lançar um livro, muitas livrarias não têm interesse em literatura de autoria negra, alega Lilian Rocha. E ainda acrescenta:

“E, se tiver, geralmente [o livro] está lá atrás. O vendedor nem sabe onde é a prateleira da literatura negra ou se existe aquele escritor. Até conseguimos escrever, mas como vender a obra?” (ROCHA, 2017 *apud* PASKO).

Grada Kilomba (2019) em seu livro “Memórias da Plantação – Episódios de racismo cotidiano” conta sobre relatos de racismo a partir de depoimentos de mulheres negras africanas e da diáspora, pontua sobre a pesquisa centrada em sujeitos. Sujeito é aquele que é

reconhecido e representado como um todo na sociedade. Tornando-se *completo*. Nós negros somos *sujeitos incompletos* por não sermos iguais aos *sujeitos completos*, ou seja, somos excluídos de certos direitos e privilégios na esfera política, social e individual, onde os *sujeitos completos* são dominantes, beneficiados e possuem o poder de controlar esta ideia de superioridade. “O racismo, portanto, funciona para justificar e legitimar a exclusão de “Outras/os” raciais” (KILOMBA, 2019, p. 80). Sendo assim, denomina-se racismo estrutural todo ato de exclusão das pessoas negras no que se refere ao estado e suas estruturas sociais e políticas.

Se as mulheres negras, bem como outros grupos marginalizados, têm o direito capital em todos os sentidos do termo, de ser reconhecidas como sujeitos, então também devemos ter esse direito reconhecido dentro de processos de pesquisa e de discursos acadêmicos. Esse método de focar no sujeito não é uma forma privilegiada de pesquisa, mas um conceito necessário. (KILOMBA, 2019, p. 82).

A escritora Eliane Marques quando indagada na reportagem sobre a produção das escritoras negras gaúchas, vai questionar sobre o que os complementos *mulher* e *negra* somam a poesia. Pois, uma de suas preocupações é o fato de que as escritoras estejam apenas sendo buscadas, pesquisadas por curiosidade e não pelo valor que podem agregar na literatura.

Marques em uma entrevista para o *Sotero Preta – O Portal Afro Cultural de Salvador* (2017) explica em sua fala que é difícil definir como seus trabalhos como poeta, editora e documentarista – mas principalmente como poeta – contribuem para ser reconhecido em espaços não negros e dentro da comunidade negra.

A poeta lembra também que não existe apenas a poesia que cobra por direitos de uma dívida histórica em relação à escravidão, há as que deixam de ser reconhecidas como poesia negra por não se encaixarem nesse contexto. E por esse motivo, Eliane questiona que espaço terão os negros que não se inserem na categoria de poesia geral e na própria poesia negra.

Cuti (2010) vai dizer que mesmo que “os argumentos da exclusão racista persista para impedir a partilha do poder em um país étnico e racialmente plural” (CUTI, 2010, p. 7), a literatura é sinônimo de poder e todos tem o direito de “buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudanças de paradigmas estético-ideológicos” (CUTI, 2010, p. 7).

Para Cuti (2010) literatura negra, nada mais é do que uma parte da literatura brasileira, com elementos de origem africana, com ênfase na subjetividade e no sujeito étnico do discurso. Sendo assim, destacar a literatura negra “tem o mesmo objetivo que tiveram outras áreas ao deitarem luz sobre aspectos importantes da cultura nacional” (CUTI, 2010, p. 7). E por causa da dominação ideológica foram silenciadas por séculos.

Ainda com base na reflexão da escritora Eliane Marques, é pertinente destacar o que Grada Kilomba fala sobre a importância de pesquisadores investigarem sobre membros de seu mesmo grupo social, racial, pesquisa entre iguais “(...) por representar as condições ideais para relações não hierárquicas entre pesquisadoras/es e informantes, ou seja, onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática”. (KILOMBA, 2019, p. 82), para evitar o distanciamento entre os “objetos de pesquisa”.

Eu como *sujeito* me considero próxima dos “objetos pesquisados” no que diz respeito à raça, classe e gênero. Por entender e ser consciente dos processos que as mulheres negras passam para conseguirem ser reconhecidas por sua intelectualidade.

Como é difícil para nós pensar que podemos escolher tornar-nos escritoras, muito mais sentir e acreditar que podemos! O que temos para contribuir, para dar? Nossas próprias expectativas nos condicionam. Não nos dizem a nossa classe, a nossa cultura e também o homem branco, que escrever não é para mulheres como nós? (ANZALDÚA, 2000, p. 230).

Glória Anzaldúa (2000) em sua “Carta para as mulheres escritoras do 3º mundo” (texto originalmente escrito em 1981), encoraja as escritoras a não desistir de escrever apesar das adversidades que fazem parte da vida dessas mulheres como o machismo, o preconceito, a cor da pele, os afazeres domésticos, o trabalho fora de casa, etc.

Taiasmin Ohnmacht vai trazer justamente essa questão, das dificuldades da mulher escritora na hora de produzir, pois não é tarefa fácil se desdobrar em múltiplas tarefas. Mesmo a escritora tendo uma agenda de trabalho flexível, é preciso dizer que um determinado momento é reservado para escrever. “Enquanto lava o chão, ou as roupas, escute as palavras ecoando em seu corpo. Quando estiver deprimida, brava, machucada, quando for possuída por compaixão e amor. Quando não tiver outra saída senão escrever”. (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Para a escritora Ana dos Santos, ainda se faz necessário ressaltar a cor da pele das escritoras. Pois, conforme Santos e como foi dito no início deste capítulo, o cânone literário brasileiro é composto por mulheres brancas.

“A Clarice Lispector é escritora, mas a Veralinda Menezes é uma *escritora negra*. Eu preciso dizer que ela é negra porque esta palavra sempre foi ligada a uma questão negativa, pejorativa que a gente precisa ressignificar, trocar de lugar (...) para que um dia ela não precise mais ser usada e que se possa dizer “Veralinda é uma escritora brasileira””. (SANTOS 2017 *apud* PASKO).

Anzaldúa (2000) enfatiza ainda que os homens brancos temem ao que não dominam ou conhecem. Possuindo assim, uma imagem estereotipada das mulheres escritoras de cor. Glória ainda completa dizendo que as mulheres cansaram do papel de serem submissas. A autora alerta também para o perigo de se deixar levar pelos modismos teóricos, já que a mulher escritora do terceiro mundo tem sua participação no mundo literário feminista.

Como nos atrevemos a revelar a carne humana escondida e sangrar vermelho como os brancos? É preciso uma enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós invisíveis. Mesmo enquanto escrevo isto, me sinto perturbada porque sou a única escritora mulher do terceiro mundo neste livro. (ANZALDÚA, 200, p. 231).

Priscila Pasko conta que durante a produção da reportagem, 18 universidades/instituições foram procuradas para indicarem nomes de pesquisadores/as que pudessem dar informações a cerca das escritoras negras gaúchas. Entretanto, apenas cinco deram retorno e indicaram um nome. Sendo que nenhum deles pertencia à faculdade de Letras. Isso não significa que não esteja sendo produzidos trabalhos sobre as escritoras negras, mas que ainda há uma dificuldade de encontrar pesquisadores/as interessados em estudar suas trajetórias, escritos e de inseri-las no ambiente acadêmico.

E como trás a professora de Comunicação Daniele Santos, que faz parte do projeto de extensão Aruanda da Feevale, o desconhecimento de escritoras negras na academia vai muito além da falta de interesse, e sim de uma cultura hegemônica que tem como referencial o homem branco de classe média.

De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, a população negra sempre demonstrou uma importância feroz no que se refere à aquisição de educação. (DAVIS, 2016, p. 109).

Eliane Marques defende a ideia de que é a mulher negra que tem que escolher quais espaços quer ocupar. Segundo ela, não se pode ficar esperando e dependendo da academia para ser reconhecida. A própria mulher tem que construir seu espaço, abrir as portas e ser protagonista de sua história.

De fato, a literatura negra nunca dependeu da academia para sobreviver, pois sempre foi divulgada entre os seus através dos movimentos negros e de eventos voltados para a

escrita afrocentrada. Contudo, as instituições superiores têm sim o dever de colocá-la em seus currículos para que se tenha uma educação voltada para as relações étnico-raciais.

2.2. Quem são as Escritoras Negras Gaúchas?

Neste capítulo conheceremos algumas escritoras negras do Rio Grande do Sul, suas obras, estilo literário e uma breve biografia de cada uma delas. Alguns nomes já foram mencionados no primeiro capítulo, pois são as intelectuais que foram entrevistadas no artigo “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?”. As intelectuais negras referidas no site serviram de apoio para que fosse feita uma pesquisa acerca das mesmas e de outras que foram mencionadas.

Em um primeiro momento, a pesquisa se delimitaria em mapear as escritoras negras de Porto Alegre/RS. Porém, a maioria das intelectuais encontradas faz parte do mesmo estilo literário, a poesia. O que foi muito bom ter conhecimento de tantas mulheres negras poetisas na capital gaúcha. Mas um dos objetivos do trabalho é conhecer intelectuais negras de diferentes estilos literários para mostrar que elas existem e estão produzindo suas “escrevivências” EVARISTO (2017). Esta pesquisa não contempla todas as escritoras negras do RS, mas traz importantes nomes da literatura negra do Sul.

A intenção aqui não é somente fazer uma lista com os nomes das escritoras negras do Rio Grande do Sul como se fossem apenas objetos de estudo, e sim que são mulheres negras contando suas próprias histórias XAVIER (2017). A literatura é uma das formas das mulheres negras estarem inseridas e presentes através de suas escritas, em uma sociedade que insiste em estereotipar e minimizar os feitos da negritude.

As escritoras negras gaúchas escolhidas para compor esta pesquisa são: Lilian Rose Marques da Rocha, Eliane Marques, Ana dos Santos, Veralinda Menezes, Maria Rita Py Dutra, Taiasmin Ohnmacht, Maria Helena Vargas da Silveira, Fernanda Bastos, Pâmela Amaro e Maria do Carmo Oliveira dos Santos. A breve biografia das intelectuais foi coletada através do livro *Sopapo Poético – Pretessência* (2016), de sites, blogs pessoais e de movimentos negros e de portais em geral.

2.2.1. Lilian Rose Marques da Rocha

Figura 1 – Lilian Rose Marques da Rocha



Fonte: Facebook

Conforme o livro *Pretessência* (2016), Lilian Rocha é natural de Porto Alegre/RS, Farmacêutica e Analista Clínica (UFRGS), Especialista em Homeopatia (ABH), Musicista (Liceu Palestrina), Poetisa, Facilitadora Didata de Biodanza (IBF). É autora dos livros *A Vida Pulsa – Poesias e Reflexões* (Editora Alternativa, 2013), *Negra Soul* (Editora Alternativa, 2016), *Menina de Tranças* (Editora Taverna, 2018) e co-organizadora do livro *Pretessência* (Libretos, 2016). Participante de inúmeras antologias poéticas brasileiras. Há 17 anos utiliza a Poesia como ferramenta em processos de Arte-Identidade em seus trabalhos de Ação Social, Biodanza e Educação Biocêntrica, com os mais variados grupos sociais pelo Brasil, América do Sul e Europa, reforçando a identidade e a capacidade de expressão do ser humano. Em 2012, começou a frequentar o *Sarau Sopapo Poético* e atualmente, faz parte do *Coletivo Sopapeiros*. Seus textos e poemas são publicados em vários sites, blogs, revistas, redes sociais envolvidas na prática do movimento cultural e social.

2.2.2. Eliane Marques

Figura 2 – Eliane Marques



Fonte: Google

Segundo os sites *Literafro* e *Sotero Preta*, Eliane nasceu em Sant’Ana do Livramento/RS, fronteira entre Brasil e Uruguai. É advogada, poeta, editora e documentarista. Reside atualmente em Porto Alegre/RS, onde atua como Auditora Pública Externa do Tribunal de Contas do Estado. Fez formação em Psicanálise na “Après Coup Porto Alegre Psicanálise e Poesia” e foi uma das ministrantes, nessa instituição, do curso de Direito e Psicanálise. Esteve à frente do projeto “Poetas do Futuro”, do qual participaram crianças e adolescentes acolhidos pelo Instituto Recriar, trabalho este que originou a revista *Não é o bicho* (2012). Foi também responsável pela organização do livro *No meio da meia-lua, primeiros versos* (2013), do coletivo Africanamente Escola de Capoeira Angola. Sua atuação como intelectual e escritora abarca ainda a coordenação do projeto “Escola de Poesia”, bem como a coordenação editorial da revista OVO DA EMA. Como autora, integrou a coletânea *Arado de Palavras* (2008) ao lado de outros autores. Publicou individualmente os livros *Relicário* (2009) e *E se alguém o pano* (Escola de Poesia, 2016). Vencedora na categoria de Poesia do Prêmio Açorianos de Literatura 2016 (RS).

2.2.3. Ana dos Santos

Figura 3 – Ana dos Santos



Fonte: Facebook

De acordo com o livro *Sopapo Poético* (2016), Ana dos Santos é natural de Porto Alegre/RS, poetisa e professora de Literatura Brasileira. Morou no Rio de Janeiro, onde vendia poemas na Lapa e fazia performances poéticas em Santa Tereza com o Circo Beat. Foi vencedora do Concurso de Poesias Mário Quintana (UFRGS – 2003). Criou o jornal digital *Sociedade dos Poetas Vivos* (2005). Participou com outros escritores e fotógrafos da obra *Brazil by night* sobre a noite brasileira. Faz parte dos A.G.U.I.A.S. (Amigos Unidos Incentivando as Artes), onde recitou, performou e escreveu na Antologia *A.G.U.I.A. 2009 – Prosa e Verso* (2010). Ganhou o Concurso Ministério da Poesia – *World Art Friends* (Porto –

Portugal), onde estreou seu primeiro livro, *Flor* (2009). Colou poemas nas ruas de algumas capitais brasileiras (projeto *As paredes têm ouvidos... e sabem do nosso amor*) e mantém o blog pessoal *Flor de Lácio*.

2.2.4. Veralinda Menezes

Figura 4 – Veralinda Menezes



Fonte: Facebook

De acordo com sua rede social profissional, Veralinda Menezes nasceu em Porto Alegre/RS e atualmente mora no Rio de Janeiro/RJ. É formada em Ciências Contábeis pela PUCRS. É escritora de literatura infantil, compositora, cantora, atriz. Tem o intuito de ser reconhecida como criadora de uma obra clássica brasileira para quebrar paradigmas. Em seus livros coloca o protagonismo negro como personagens. Seus dois livros *Princesa Violeta* (2010) e *Lilinda, minha amiga Rosinha* (2009) viraram peças teatrais, resultando em um CD com as canções. Ambas as publicações são pela editora Príncipes Negros.

2.2.5. Maria Rita Py Dutra

Figura 5 – Maria Rita Py Dutra



Fonte: Facebook

De acordo com o Observatório de Direitos Humanos da UFSM, Maria Rita nasceu em Santa Maria/RS. Ingressou na Universidade Federal de Santa Maria no ano de 1969, no curso de Química, mas não chegou a concluí-lo. Casou-se e foi morar em Bom Jesus, onde começou a lecionar e trabalhar com alfabetização. Mais tarde, ao mudar-se para a cidade de Porto Alegre, ingressou na UFRGS, onde cursou Pedagogia e Supervisão Escolar, onde se apaixonou pela área da educação, e após, especializou-se na área de Supervisão. Foi professora de ensino fundamental por trinta anos, e entrou no mundo da literatura infantil após seu neto sofrer com racismo na escola. Suas obras possuem grande enfoque em empoderar crianças negras, e são baseadas em histórias que ela presenciou e vivenciou ao longo de sua vida. Uma grande ativista do movimento negro foi uma das responsáveis pela implantação da política de cotas raciais na UFSM. Além disso, ela é coordenadora do GT Negros: discutindo relações étnico-raciais em Santa Maria/NECON, e está vinculada ao Núcleo de Estudos Sobre Memória e Educação – Povo de Clio. No dia 13 de agosto de 2018, ela concluiu seu doutorado, sendo a primeira mulher negra a concluir doutorado em educação na UFSM. Sua tese de doutorado fala sobre a inserção de estudantes cotistas negros, egressos da UFSM, no mercado de trabalho. Seus livros publicados são: *Os problemas de Júnior* (2014) e *Poemas para brincar* (2015).

2.2.6. Tiasmin Ohnmacht

Figura 6 – Tiasmin Ohnmacht



Fonte: Facebook

Conforme o *Catálogo Intelectuais Negras Visíveis* (2017) e o site *Literatura; RS* (2019), Tiasmin Ohnmacht é de Porto Alegre/RS, psicóloga formada pela UNISINOS, pós-graduada em Assessoria Linguística e Revisão Textual e mestre em psicanálise – clínica e cultura, com projeto de pesquisa sobre a linguagem poética e autoria negra na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escritora, autora independente. Tem como publicações *Contos Contemporâneos* (2016), *Ela Conta Ele Canta* (Cidadela, 2016), a novela *Visite o Decorado* (Figuras de Linguagem, 2019), participação na organização do E-BOOK *Da Vida Que Resiste*

– *Vivências de Psicólogas/os Entre a Ditadura e a Democracia* (CRP/RS, 2014). Possui o blog *Tintura de Toth* onde publica seus textos.

2.2.7. Maria Helena Vargas da Silveira

Figura 7 – Maria Helena Vargas da Silveira



Fonte: Google

Conforme o site Nonada (2017) e a historiadora Fernanda Oliveira (2018), Maria Helena é nascida em Pelotas/RS no ano de 1940, graduou-se em Pedagogia pela UFRGS. Foi romancista, cronista, poeta, educadora e ativista da valorização da cultura negra. Denuncia em suas obras o preconceito racial. Teve um papel importante dentro do movimento negro e na educação. Dentre suas obras estão *É fogo* (1987), *O sol de fevereiro* (1991), *Negrada* (1994), *As filhas das lavadeiras* (2002) e *Helena do Sul* (2007). Maria Helena faleceu no ano de 2009.

2.2.8. Fernanda Bastos

Figura 8 – Fernanda Bastos



Fonte: Facebook

De acordo com o site *Literatura; RS* (2019), Fernanda Bastos é natural de Porto Alegre/RS. É jornalista, escritora, editora-geral da Editora Figura de Linguagem e também professora na área de Letras (URGS) e especialista em História da Arte. Formada em Letras (UFRGS), mestranda em Comunicação e Informação (Fabico) e colunista do portal Literatura

RS. Tem como publicação o livro de poesia *Dessa cor* (Figura de Linguagem, 2018). A editora Figura de Linguagem é voltada à publicação e divulgação de literatura e livros escritos por pessoas negras, trans e mulheres em geral.

2.2.9. Pâmela Amaro

Figura 9 – Pâmela Amaro



Fonte: Facebook

Pâmela Amaro, conforme o livro *Sopapo Poético* (2016) e o site *Jornal no palco* (2017), é natural de Porto Alegre/RS, criada no Bairro Medianeira. É atriz, cantora, compositora, arte-educadora, escritora. Foi influenciada pelos pais, tios e avós músicos a escolher o caminho do teatro e da música. Graduiu-se em Licenciatura em Teatro na UFRGS e trabalhou em diversos espetáculos entre eles a *Opereta Pé de Pilão*, da Cia Turma do Pé Quente; *Lupi, O Musical*, espetáculo de celebração do centenário de Lupicínio Rodrigues e *Ori Orestéia* do grupo teatral Caixa Preta. Trabalha como ritmista e cantora de samba em bares da noite porto-alegrense. Em 2016, recebeu da crítica local o destaque de estar entre a nova geração das promissoras vozes do estado como cantora e compositora no gênero samba. Ativista através da arte negra canta a ancestralidade afro-brasileira, o universo feminino, o cotidiano e as lutas. É uma das fundadoras e colaboradoras do *Sarau Sopapo Poético*.

2.2.10. Maria do Carmo Oliveira dos Santos

Figura 10 – Maria do Carmo Oliveira dos Santos



Fonte: Facebook

Segundo o livro *Sopapo Poético – Pretessência* (2016), Maria do Carmo nasceu em Cruz Alta/RS e atualmente reside em Florianópolis/SC. Bacharel em Ciências Contábeis pela UFSM, graduada em História pela UNIFRA. Idealizadora e membro do Grupo de Mulheres Negras Negrinho do Pastoreio de Santa Maria. Escritora. Aposentada do Banco do Brasil. Tem como publicações *Coisa de Negro*, 1988 (Poesia); *O sonho de Benedito*, 2003 (Infantil); e com sua filha Dandara Yemisi dos Santos, *Século XIX uma história recuperada*, 2011 (Romance); participação no livro *Pretessência*, 2016 (Poemas). É professora em projetos de alfabetização de adultos em Santa Maria/RS e Florianópolis/SC, trabalha com a implementação da Lei 10.639/2003 em escolas públicas de Santa Maria/RS.

Todas as escritoras negras gaúchas que aqui aparecem com suas trajetórias de vida e contando suas histórias, possuem ensino superior, uma vasta participação em projetos, eventos, livros lançados, premiações, são conscientes e atuantes nas lutas antirracistas. E por que mesmo assim não a conhecemos? O que está faltando para que elas possam estar nos currículos escolares e acadêmicos?

Esses questionamentos também foram feitos por duas pesquisadoras autoras do artigo “Enegrecer e feminilizar a literatura gaúcha”, que foi escrito para o IV COPENE SUL de Jaguarão/RS. O artigo aborda as dinâmicas de publicação e circulação regional da produção literária de três escritoras poetisas gaúchas que estão também na minha pesquisa: Lilian Rocha, Eliane Marques e Ana dos Santos. Esse artigo foi apenas um de vários trabalhos que encontrei em sites de repositórios acadêmicos voltados para a temática de ausência de visibilidade e representatividade da autoria negra feminina na literatura brasileira.

As pesquisadoras abordam os obstáculos que as escritoras negras enfrentam e as formas de como supera-los frente ao racismo e sexismo. São destacados alguns eventos de literatura que acontece no RS, mais especificamente em Porto Alegre/RS, que é debatido e divulgado escritos de autoras/es negras/os. Onde as três poetisas têm vasta experiência e vivência. Dentre esses eventos está o III Encontro de Escritores Negros e o FestiPoa Literária. As autoras do artigo destacam que esse último evento não se destina apenas a literatura negra, e sim a literatura universal. “A repetida temática nesses anos é devido à característica que essa literatura tem de romper com o cânone brasileiro”. (BONETTI; PANERAI, 2019, p. 13).

Elas relatam que mesmo havendo diversos eventos para a literatura negra, apesar de livrarias abrirem espaço para roda de conversas com essa temática com participação das autoras locais, as escritoras negras gaúchas ainda não são conhecidas.

O mais importante é não deixar mais que silenciem as vozes das escritoras negras gaúchas ou de qualquer lugar que seja. Por mais que os espaços estejam sendo abertos para a

literatura negra e para as escritoras negras, ainda tem muito que conquistar nesse meio machista e racista que é o circuito literário brasileiro.

Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

Com esta mensagem de Glória Anzaldúa para todas as escritoras mulheres do terceiro mundo, finalizo este capítulo enfatizando que as escritoras negras gaúchas não são invisíveis. O que acontece é que o racismo com suas artimanhas consegue invisibilizar a intelectualidade das mulheres negras que não aceitam ou seguem o caminho da subalternidade que foi determinado pelo colonizador.

2.3. Invisibilidade das Intelectuais Negras do RS na Educação e a Lei 10.639/03

Este capítulo refletirá o porquê as intelectuais negras do Rio Grande do Sul não são lidas e nem reconhecidas no ensino básico e superior. Para que se tenha uma educação antirracista de qualidade é preciso, antes de tudo, perceber como a estrutura das instituições educacionais trata ou lida com as questões étnico-raciais. Mas para isso é necessário que a escola tenha profissionais e uma gestão preparada para tal.

Pois a escola tem grande papel na formação das pessoas e dependendo de como é tratada essa temática, corre-se o risco de estar construindo indivíduos não preparados para enfrentar e respeitar a pluralidade que são os ambientes educacionais. “(...) a professora que vê e ouve um aluno discriminando outro e não age em defesa do discriminado, fazendo de conta que não é com ela. E é com ela, sim! Educar implica preparar para uma convivência harmônica”. (CUTI, 2010, p. 2).

A formação continuada de professores da rede pública (estadual e municipal), privada e tendo a universidade como aquela que vai fazer também essa formação, é essencial para “desnaturalizar as desigualdades raciais como um dos caminhos para a construção de uma representação positiva sobre o negro e de uma pedagogia da diversidade”. (GOMES, 2002, p. 42).

Estamos na Década dos Povos Afrodescendentes da ONU – que será observada entre 2015-2024. E segundo a ONU, esta iniciativa visa proporcionar proteção aos direitos humanos de afrodescendentes. A declaração de Durban e Programa de Ação reconhecem que

a população negra sofre consequências até hoje por que foram vítimas da escravidão e do colonialismo. Esse é um momento importante para refletirmos sobre as políticas públicas e o que estamos fazendo para que a educação étnico-racial seja cada vez mais presente no ensino.

Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2017), conselheira relatora da Lei 10.639/03, sobre as políticas públicas estabelecidas pela Lei afirma que:

O problema não está, portanto, na falta de políticas públicas, tampouco de orientações para implementá-las (...) mas em projeto de sociedade que ainda se faz dominante, projeto esse que tenta eliminar as diferenças étnico-raciais, folclorizar as marcas culturais, sabedoria, conhecimentos, tecnologias que não de raízes europeias. (SILVA, 2017, p. 135).

A Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional 10.639/03 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e História e Cultura Africana no ensino básico, existe há 16 anos. Mas sua prática ainda não é uma totalidade na educação.

Nilma Lino Gomes (2002) destaca que:

(...) tudo isso implica posicionar-se politicamente – e não só ideologicamente – contra processos excludentes. Implica construir novas práticas pedagógicas, novos materiais didáticos, abrir debates, estabelecer diálogo com a comunidade negra, com o movimento negro, com os grupos culturais de tradição africana. Talvez assim poderemos conhecer o que os negros pensam sobre a escola e, para isso, não há outra saída senão tomar o negro como sujeito e tentar compreender como ele pensa a educação e a cultura nos seus próprios termos e não a partir de impressões ou especulações alheias. (GOMES, 2002, p. 43).

Dessa forma, o aluno/a negro/a não terá que passar por constrangimentos quando é tratado em sala de aula sobre a escravidão e abolição da escravatura. Pois este assunto sempre é tratado do ponto de vista do colonizador. Gerando assim um desconforto na criança, atraindo olhares curiosos da turma, a professora apontando o aluno negro/a como exemplo, etc. Sendo muitas vezes o único/a aluno/a negro da sala. Cresce-se com a ideia de que o povo negro não teve passado e que sua existência se dá apenas como escravizado.

Nas universidades também é fundamental a formação de professores e estudantes para com as questões raciais. A educadora Nilma Gomes (2002) problematiza essas questões no ensino superior:

(...) se criticamos o fato de que a escola básica ainda não conseguiu dar um trato pedagógico de qualidade à questão racial, o que diremos do ensino superior? Será que a experiência universitária tem sido capaz de quebrar preconceitos, romper com estereótipos sobre o negro e sua cultura, construir cidadãos e cidadãs menos etnocêntricos? Será que os alunos e as alunas que se formam nos cursos da UFMG e de outras instituições de ensino superior, ao completarem o seu curso, encontram-se mais sensíveis à diversidade? Ao concluírem a graduação e a pós-graduação, esses

alunos e alunas compreendem melhor a complexidade da questão racial e suas implicações políticas, sociais, econômicas e culturais? Entendem a educação pública como direito que, enquanto tal, deve ser garantido aos cidadãos e às cidadãs de diferentes pertencimentos étnicos/ raciais ou ainda a veem como mérito de alguns? (GOMES, 2002, p. 44).

Para responder uma das questões levantadas por Gomes, o ensino das relações raciais no ensino superior, a meu ver, ainda é um nicho que não afetou toda a comunidade acadêmica. Os grupos que trabalham com esta temática tentam fazer com que seja atingido o máximo de pessoas para suas pautas. De atrair mais estudantes e professores e a comunidade acadêmica em geral para participar das reflexões que são tratadas. Mas as pessoas ainda não têm consciência desta importância que serve para melhorar a formação de professores e estudantes.

3 METODOLOGIA

Este trabalho referencia-se na metodologia com base na pesquisa qualitativa, segundo Guerra (2006). Na pesquisa qualitativa:

Se enquadram práticas de pesquisa muito diferenciadas, fazendo apelo a diversos paradigmas de interpretação sociológica com fundamentos nem sempre expressos e de onde decorrem formas de recolha, registro e tratamento do material. (GUERRA, 2006, p. 11).

(...) designa uma variedade de técnicas interpretativas que têm por fim, decodificar, traduzir certos fenómenos sociais que se produzem mais ou menos naturalmente. (GUERRA, 2006, p. 11).

Foi desenvolvida uma análise bibliográfica, ampliando-se para sites e blogs com referenciais afrocentrados e afroreferenciados. Com aporte teórico sob o pensamento de mulheres negras: Angela Davis (2016), Paulina Chiziane (2019), Glória Anzaldúa (2000), Nilma Lino Gomes (2002), Petronilha Gonçalves e Silva (2018), Grada Kilomba (2019), Giane Escobar (2018), Sátira Machado (2006) e Giovana Xavier (2017).

O site no qual está publicado o artigo “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?” serviu de inspiração, pois foi a partir dele que foi desenvolvida a pesquisa. Esse artigo foi um dos primeiros conteúdos que encontrei na internet quando estava buscando pelas escritoras negras gaúchas. As informações contidas nele foram essenciais. A partir de então fui buscar mais informações e referências. O livro *Sopapo Poético – Pretessência* (2016) foi um dos principais referenciais, pois nele está reunido um grande número de escritoras negras gaúchas. Foi dele que extraí mais nomes para compor o trabalho e suas biografias. Quanto às escritoras que não compõem o livro *Sopapo*, suas histórias foram investigadas em sites que fornecem entrevistas e informações sobre as autoras negras gaúchas.

O artigo traz entrevistas com três das dez escritoras negras gaúchas presentes na pesquisa. No desenvolvimento do trabalho, coadunamos as problemáticas das entrevistas com o aporte teórico para ajudar nas reflexões e nos questionamentos que são feitos pela entrevistadora – Priscila Pasko – e pelas entrevistadas – as escritoras negras gaúchas.

Dentre as dez escritoras negras do RS pesquisadas, seis são naturais de Porto Alegre/RS e sete são poetisas. Três escrevem literatura infantil. Três são prosadoras. Sendo que mais de uma escritora caminha por outros estilos literários. Como é o caso de Maria do Carmo Oliveira dos Santos que tem publicações de romance, poesia e literatura infantil; Maria

Helena Vargas da Silveira que publicou poesias, romances, crônicas; e Tiasmin Ohnmacht que é autora de poesias e uma novela.

A participação em eventos como o IV COPENE SUL, que aconteceu no ano de 2019 na Unipampa Campus Jaguarão, possibilitou novas visões sobre a presente pesquisa. Pois foi a oportunidade de estudantes e pesquisadores estarem em contato com intelectuais negros/as e compartilhar conhecimentos e vivências. Como foi a presença da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que teve uma de suas obras “NICKETCHE: uma história de poligamia” lida e discutida no grupo AFRONteiras. Durante o IV COPENE SUL, Chiziane concedeu uma entrevista ao NEABI Mocinha abordando, entre outras problemáticas, a invisibilidade e enfrentamentos das intelectuais negras.

(...) mesmo deixando a questão de raça, falando da questão de sexo. Um homem por muito bom escritor que seja nunca pode descrever o meu mundo, eu mulher, não. Eu tenho que dizer o que me dói, como me dói e usar com a minha expressão a minha sensibilidade. É importante que, eu mulher, me afirme, sem estar a fazer guerra com homem. Então, quem é o colonizador pra falar de mim? Com que autoridade? Com que palavras ele vai descrever o meu sentimento mais profundo? (CHIZIANE. Entrevista concedida a Robson de Jesus Silva, em 19/07/2019, IV COPENE SUL).

Tive o privilégio também, nos anos de 2018 e 2019, conhecer e estar presente em outros eventos com importantes intelectuais negras que serviram de referências bibliográficas para este trabalho. Angela Davis (Conferencia Magistral – Montevideú/Uy) e Nilma Lino Gomes (OBSERVAASUL – Pelotas/RS). Presenciar a potência dessas mulheres e ouvir o que elas têm para dizer foi enriquecedor. E com certeza contribuíram para a realização desta pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso problematizou por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas.

Os objetivos do trabalho foram alcançados, visto que as escritoras negras gaúchas foram conhecidas no segundo capítulo, juntamente com suas obras e biografias. Acredito que no quesito de torná-las conhecidas também, pois a intenção é que as escritoras sejam reconhecidas a partir do espaço no qual estou inserida, a universidade.

O terceiro capítulo contemplou os objetivos propostos no que diz respeito em refletir sobre a invisibilidade das escritoras negras do RS, no qual se defende uma educação antirracista no ensino básico e superior seguindo as diretrizes da Lei 10.639/03.

Para responder o problema da pesquisa “Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas?” Confirmando as hipóteses levantadas na introdução deste trabalho, que é o racismo estrutural existente no Rio Grande do Sul e na sociedade em geral e as questões das desigualdades de gênero.

Para finalizar, destaco a importância de se ter uma disciplina e formação continuada de professores e de estudantes dentro das universidades para que pensem as relações étnico-raciais e que possam inserir nas suas pautas, nos seus estudos estas temáticas. Mas cabe à escola, à universidade e aos professores se interessarem e perceberem da importância de colocar em prática o ensino-aprendizagem da educação para as relações étnico-raciais.

Com base na minha própria experiência dentro da universidade, afirmo que se não fosse a minha participação em grupos de estudos e pesquisas voltados para as relações étnico-raciais, com certeza eu concluiria a graduação sem ter um pensamento mais crítico e um olhar mais sensível para a educação antirracista. Pois antes de fazer parte destes grupos eu não tinha essa percepção.

O campo para se trabalhar as relações raciais com crianças e adolescentes, utilizando os conteúdos programáticos da Lei 10.639/03, é muito amplo e rico. Tratando especialmente da área de Letras, é possível planejar aulas de Português, Espanhol e Literatura com temáticas voltadas para as relações raciais. As escritoras conhecidas nesta pesquisa, juntamente com suas obras, servem como um ótimo referencial para aplicar não só no ensino básico, mas

também no ensino superior. É importante frisar que se tenha dentro do curso de Letras uma disciplina de educação para as relações étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine e SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 – competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro.posições e-ISSN 1980-6248**, vol. 28, nº 1 (82) jan./ abr. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v28n1/1980-6248-pp-28-01-00055.pdf>>. Acesso em: Nov 2019.

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil – Pensando a resistência. **Revista da ABPN**, v.1, n. 3, Novembro de 2010 – Fevereiro de 2011, p. 181-189. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/280/261>>. Acesso em: Nov 2019.

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas da UFSC**, vol. 8, nº 1, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: Set 2019.

BONETTI, Alinne de Lima e PANERAI, Ana Virginia. **Enegrecer e feminilizar a literatura gaúcha – gênero, raça e as dinâmicas de visibilização da produção artística de poetisas negras no RS**. Disponível em: <https://www.copenesul2019.abpn.org.br/resources/anais/11/copenesul2019/1561401069_ARQUIVO_367f3ab1eeafb35e77c07114aeb4d5c2.pdf>. Acesso em: Out 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

CAMBRAIA, Cláudia e LOUSADA, Isabel. **A voz silenciada da literatura brasileira**. Faculdade de Ciências e Humanas – Universidade Nova de Lisboa.

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... por uma nova visão de mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, vol. 5, nº 10, Abril de 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29695/17236>>. Acesso em: Set 2019.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. Editorial Caminho, 2002; 4ª edição, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **Paulina Chiziane**: depoimento. [jul. 2019]. Entrevistador: Robson de Jesus Silva. Entrevista concedida ao NEABI Mocinha.

CUTI, Luis. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

CUTI, Luis. **Quem tem medo da palavra negro?** Revista Matriz. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. -1 ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCOBAR, Giane e MORAES, Ana Luiza Coiro. **A representação e as representações distorcidas no jornalismo: relações conceituais de racismo e sexismo**. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/viewFile/1296/1392>>. Acesso em: Set 2019.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentidos e formas de uso**. Portugal: Princípia, 2006.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. - 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LinkedIn. Veralinda Menezes. Disponível em: <<https://br.linkedin.com/in/veralinda-menezes-1452b5b9>>. Acesso em Out 2019.

Literatura RS. Fernanda Bastos: Uma intelectual em Porto Alegre. Abril de 2019. Disponível em: <<https://literaturars.com.br/2019/04/16/fernanda-bastos-uma-intelectual-em-porto-alegre/>>. Acesso em: Out 2019.

Literafro – O portal da Literatura Afro-brasileira. Eliane Marques. Disponível em: Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/242-eliane-marques>>. Acesso em: Out 2019.

Literafro – O portal da Literatura Afro-brasileira. Eliane Marques – Textos Seleccionados. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/243-eliane-marques-textos-seleccionados>>. Acesso em Dez 2019.

Literatura RS. Taiasmin Ohnmacht discute psicanálise e racismo. 16 de setembro de 2019. Disponível em: <<https://literaturars.com.br/2019/09/16/ciclo-literatura-rs-na-livraria-cultural-com-taiasmin-ohnmacht-discute-psicanalise-e-racismo/>>. Acesso em Out 2019.

MACHADO, Sátira Pereira [et.al]. **Mulher Afro-Gaúcha: Negritude à flor da pele**. 2006.

MENESES, Maria Paula e SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almedina, 2009.

MENEZES, Jamile. #NegrasRepresentam – Eliane Marques, a diversidade feminina nas letras! **Sotero Preta – O Portal Afro Cultural de Salvador**, 2017. Disponível em: <<http://portalsotero Preta.com.br/negrasrepresentam-eliane-marques-diversidade-feminina-nas-letras/>>. Acesso em: Nov 2019.

Observatório de Direitos Humanos – UFSM. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/pre/observatorio-de-direitos-humanos/maria-rita-py-dutra/>>. Acesso em: Out 2019.

ONU. Década Internacional de Afrodescendentes – 2015-2024. Disponível em: <http://www.decada-afro-onu.org/background.shtml?fbclid=IwAR2nvm_UNQXS1vNXimwbLPYJrw7rE6rjsvGOeu_kodoHs8YcnIAYk2T7_fm>. Acesso em: Nov 2019.

PASKO, Priscila. Porque não conhecemos as escritoras negras gaúchas? **Nonada Jornalismo. Travessia**, 2017. Disponível em: <<http://www.nonada.com.br/2017/03/por-que-nao-conhecemos-as-escritoras-negras-gauchas/>>. Acesso em: Maio 2019.

Reflexões sobre a abolição e suas consequências até hoje. Disponível em: <<http://portal.andes.org.br/imprensa/publicacoes/imp-pub-1625266382.pdf>>. Acesso em Out 2019.

ROCHA, Lilian Rose Marques da [et.al]. **Sopapo Poético: Pretessência**. Porto Alegre: Libretos, 2016.

SANTOS, Anamaria Alves Dias do. História e memórias negras em Dessa cor, de Fernanda Bastos. Literafro – O portal da Literatura Afro-brasileira. 06 Out 2019. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1208-fernanda-bastos-historia-e-memoria-negras-em-dessa-cor>>. Acesso em: Nov 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 123-150, maio/jun. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/58097/35523>>. Acesso em: Nov 2019.

Sina – Comunicação fora do padrão. O menino e o livro por Maria Py Dutra. 28 Nov 2019. Disponível em: <<https://redesina.com.br/o-menino-e-o-livro-por-maria-rita-py-dutra/>>. Acesso em: Dez 2019.

Tintura de Toth. Taiasmin Ohnmacht. 29 Dez 2017. Disponível em: <<https://taiasmin.blogspot.com/2017/>>. Acesso em: Dez 2019.

VIEGAS, Lucas Corrêa. Atriz e cantora Pâmela Amaro é a convidada do Sopapo Poético de julho. **No Palco – hub cultural**, 2017. Disponível em: <<https://www.jornalnopalco.com.br/2017/07/23/atriz-e-cantora-pamela-amaro-e-a-convidada-do-sopapo-poetico-em-julho/>>. Acesso em: Out 2019.

XAVIER, Giovana. **Catálogo Intelectuais Negras Visíveis** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – Poema “Negra” de Lilian Rose Marques da Rocha**Negra**

Negra
Palavra
Bendita
Que saiu
De tua boca
Como insulto
E que transcende
Em minha dança
Em minha história
Em minha crenças
Em minha luta
Em minha vitória
Que corporifica
Em meu sorriso
De perplexidade
Da tua pobre
Medíocre ignorância!

(Sopapo Poético – Pretessência, 2016, p. 117).

ANEXO 2 – Poema de Eliane Marques

como a flecha acerta o alvo
o braço não erra
onde os dedos roçam

braço cego (que assim nasce)
é louça que ferve o leite
com seu engomado traje

de sua cegueira o ver-se alforriado
o emparedas as fronteiras
qual pasto do minotauro

e por cima ainda a prataria
a burocracia das fístulas cateteres
o solene ato – a doação das fraldas

arco que bateu roupas ora boneco de trapo

que se lavre o mais perfeito auto
tal se lavou perfeitamente
a mais limpa camisa do mascate

mas o corte que depõe o prato
mas o ribombar das camélias banidas pela morte
apenas isso é verdade

(e se alguém o pano, 2016, p. 91). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/243-eliane-marques-textos-selecionados>

ANEXO 3 – Poema de Ana dos Santos

Os meninos engraxates
Não usam sapatos.
Isso é fato!
Que nossa falta de tato
Não deixa perceber:
a falta de sapato
a falta de afeto...
A graxa do sapato
é da cor do menino
e o brilho do lustre
reflete em sua face.
Enquanto lustra o sapato
ele pensa que não há sapatos
para calçar...
E aquele que está lustrando
não é o seu número!
Não é o seu número!

(Sopapo Poético – Pretessência, 2016, p. 14).

**ANEXO 4 – Poema “A Princesa Guerreira” (Versão poética do original “Princesa Violeta”)
de Veralinda Menezes**

A Princesa Guerreira

Era uma vez o Rei Lírio
Um homem muito rico e poderoso
De cabelo crespinho e pele cor de café
Todos os amavam,
Pois era lindo
Forte e muito generoso

Sua mulher a Rainha Pétalla de Rosa
De cor de doce de leite
Era na verdade uma ex-fada
Que ao se apaixonar pelo Rei Lírio
Perdera os poderes de sua varinha
E de sua espada

Eles tinham uma filha
A Princesa Violeta
Uma das princesas mais lindas da Terra
Mas o que o Rei queria, na verdade
Era um filho homem
Para herdar suas riquezas
E ajudá-lo na Guerra

A Princesa Violeta
Vivia alegre e feliz
Seus cabelos fofinhos
Pretos e cacheados
Eram no reino inteiro copiados

Sua pele era macia e cheirosa
Da cor de bombom de chocolate
E seus olhos negros eram brilhantes

(Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Violeta-Princesa-Guerreira-Poema-1-ebook/dp/B07KMDDHXC>)

ANEXO 5 – Poema “O menino e o livro” de Maria Rita Py Dutra**O menino e o livro**

O menino pobrezinho
Vai à escola estudar.
Vai com medo, inseguro,
Não sabe se irá ficar.

A professora sensível
Oferece-lhe livros, livros,
Ilustrados, coloridos,
Movimentados, vividos,
de papel e de tecido.

E o menino pobrezinho
Volta um dia, outro dia,
Outro dia... Quer ver
Os livros bonitos.

Aprende a ler, o sabido.
E os livros venceram:
Convenceram-no a ficar.

(Disponível em: <https://redesina.com.br/o-menino-e-o-livro-por-maria-rita-py-dutra/>).

ANEXO 6 – Poema “Teias trilhas negras” de Taismin Ohnmacht**Teias trilhas negras**

Criança que voava a rua
Sentindo o cheiro de terra
Gramma e calçada

Um dia caí
- Você não é negra,
É queimadinha do sol.

E caí
Não no chão
(meus joelhos já estavam acostumados)
Caí em uma teia grudenta
De sorridentes ilusões

Minha mãe é negra
Pensei
Eu também
Só um pouco mais clara
Isso importa?

Importa!, disse o coro
E quanto mais clara melhor

À clara
Prefiro a gema
E se gemo com o prazer do sol
A deitar-se em minha pele
Não é para justificar minha cor

Sou negra!
Assim como minha mãe
E minha avó

Diga que é p sol
E tudo fica mais fácil
Seu nariz não é de negro
Diga que é morena
E terá o sol por culpado

Saboreio a palavra morena
Promessa de delícias
Mas não sou morena
Sou negra!
Assim como minha mãe
E minha avó antes dela

Mas, de repente
Não encontro mais sabor
Em minha cor
Nem no verde das folhas
Dos galhos que subo
E a terra úmida
Não me oferece mais encontro

Não estou mais no mundo

Busco minha mãe
Peço que ela confirme
Minha presença negra
Mas não estou mais no mundo
E seu olhar é apenas promessa
Não cumprida.

Tenho anos
Muitos anos em uma teia
Que embaraça meus cabelos
E minha visão
Embaraça meu corpo
Em formas que desconheço
Não me reconheço
Esqueci o olhar de minha mãe
E as teias não me dizem quem sou

Mas se não sou
Posso inventar-me
Romper fios
Mudar a posição dos nós
Conexões inesperadas
Surpreender olhares
Fazer novas costuras com meus cabelos
Criar novos espelhos
E nos fios rearranjados da teia
Reencontrar minha pele
Negra a brilhar
À luz do sol
O nariz largo de minha mãe
A brincar com o meu
Em beijinhos de esquimós
E os meus cabelos altos
Em busca de liberdade

Negra
Negra
Negra

(Disponível em: <https://taiasmin.blogspot.com/2017/>).

ANEXO 7 – Poema “Sobrevivência” de Maria Helena Vargas da Silveira**Sobrevivência**

Folhas de papel
Páginas
Molhadas
Palavras,
Palavras
Impressas,
Dispersas,
Ávidas pela bolinação
Que o negro fazia
Em cada escrito novo,
Com um lápis roxo de revisão
Que escorria a cor,
Tingindo a identidade
Do negro revisor
Das folhas de papel,
Molhadas,
Com as palavras
Impressas,
Na página branca
Do jornal branco
Da cidade

(SUL, 2007, p. 237). Disponível em:

http://www.uel.br/eventos/estudosliterarios/pages/arquivos/Eduardo%20Souza%20Ponce%20e%20Maria%20Carolina%20Godoy_115a124.pdf

ANEXO 8 – Poema “Borrada de lápis” de Fernanda Bastos**Borrada de lápis**

Literatura também pode ser vingança
diz Conceição Evaristo
que entre a patroa
prefere escrever sobre a empregada

Minha vingança sou eu
Viva e feliz (às vezes)
contrariei a coleguinha que
“mas continuará a preta
profetizou”

Gritei em vão por justiça
e hoje ela é juíza ou advogada, lida com as leis
inclusive de injúria e racismo
eu escolhi desenhar com as palavras
minhas próprias leis.

(Dessa cor, 2018, p. 14). Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1208-fernanda-bastos-historia-e-memoria-negras-em-dessa-cor>

ANEXO 9 – Poema “Sarau Sopapo” de Pâmela Amaro**Sarau Sopapo**

Ela vai levar o rufar do tambor,
Vai levar o som, a canção que tocou,
A luz que a iluminou,
Vai levar o brilho de quem se apresentou,
Viu no irmão e na irmã um espelho
E se emocionou,
Se encontrou,
Vai até sentir saudade,
Mas terá de esperar o próximo mês,
E vai chegar então a sua vez,
Poesia na mão, rima afiada,
Vai exaltar a negrada,
E de novo se sentirá amada,
Sem medo de ser observada,
Importa mesmo é a voz,
A poesia do Nós,
Estamos vivos!
Estamos salvos!
Salve o Sopapo,
Tão poético e político
Rito que dá sustento
De palavras negras ao vento.

(Sopapo Poético – Pretessência, 2016, p. 167).

ANEXO 10 – Poema “Para sempre ficando” de Maria do Carmo Oliveira dos Santos**Para sempre ficando**

Navio rangendo,
Gente vivendo,
Gente morrendo,
Água batendo,
Negro querendo,
Apodrecendo,
Mar ondulando,
Homens cantando,
Homens chorando,
Solidão chegando,
Dor agravando,
Luas passando,
Distância aumentando,
Navio chegando,
África ficando,
Para sempre ficando.

(Sopapo Poético – Pretessência, 2016, p. 128).